

# O desenvolvimento na *Caritas in veritate*<sup>1</sup>

Simona Beretta<sup>2</sup>

A palavra “desenvolvimento” é intrinsecamente dinâmica. Não indica um ponto de chegada, mas um percurso que tem um sentido, que segue uma direção precisa: um crescente do “menos” para o “mais”. *Caritas in veritate* (CV) desde seu título (Carta encíclica... sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade) indica que o desenvolvimento humano integral, da pessoa e dos povos, é o fio condutor de seu texto – rico e complexo, a ser estudado com aquela “inteligência cheia de amor” que nos faz entrar no conhecimento do real e que nos permite operar ativamente a favor do desenvolvimento “com amor rico em inteligência” (CV 30).

Aqui podemos oferecer apenas alguns pontos, entre os muitos que a encíclica oferece aos cristãos e aos homens de boa vontade, que vivem “fortemente em suas consciências o apelo do bem comum” (CV 71).

## Verdade e caridade como chaves de conhecimento

Começo do ponto que mais me toca: a grande razoabilidade humana, a clareza e a persuasão com a qual as palavras “verdade” e “caridade” nos são dadas como chave essencial de conhecimento e de ação social.

O desenvolvimento humano integral – da pessoa e de toda a família humana – é vocação de caridade na verdade (CV 18, 19). Este é um anúncio de grande novidade. Não porque jamais tenha sido escutado antes, ao contrário é o anúncio de salvação que em sua essencialidade ressoa há dois mil anos. Mas é um anúncio sempre novo que interpela pessoalmente quem o recebe. Intuo que a Caridade e a Verdade – sendo eternas – são sempre novas, portanto nos chamam todas as manhãs a nos colocarmos novamente em movimento. Creio poder dizer que são as mais razoáveis hipóteses de trabalho para compreender e promover o desenvolvimento. Incitam a um novo ímpeto de conhecimento e ação, convidam a alargar juntos razão e coração.

## O desenvolvimento humano integral

Este contempla unitariamente a totalidade da pessoa em todas as suas dimensões (CV 11), alma e corpo (CV 76). “Realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais” (*Populorum progressio*, PP 6, CV 18) – todo fazer, conhecer e ter tendem para um ponto unitário: a plenitude da humanidade, a realização do bem da pessoa inteira, e de toda a família humana.

---

<sup>1</sup> Capítulo do livro SANTOS, A.C.A. e cols. *Economia e vida na perspectiva da Caritas in veritate*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2010, p. 9-12. Obra editada numa parecerita entre o Núcleo Fé e Cultura e o Observatório Internacional Cardeal Van Thuân para a Doutrina Social da Igreja, e disponível em <http://www2.pucsp.br/banner/adclick.php?bannerid=237&zoneid=8&source=&dest=http%3A%2F%2Fwww.pucsp.br%2Ffecultura%2Flivros%2Fpdf%2FlivroA4.zip>

<sup>2</sup> Professora de Economia Internacional da Universidade Católica do Sacro Cuore, de Milão, membro do Conselho Editorial da Rivista Internazionale di Scienze Sociali. Autora de *Commercio internazionale rischi ed opportunità* (com Oscar Garavello e Francesco Marangon) *Sviluppo dei popoli, sviluppo della persona. A quarant'anni dalla Populorum progressio e venti dalla Sollicitudo rei socialis* (com Gianni Ambrosio e Giuseppe Bertoni), entre outros.

A experiência elementar – aquele desejo de realização, de plenitude, de felicidade que orienta, em última análise, todas as nossas ações – confirma que a fragmentação do humano, a divisão e o conflito entre os homens, começando pelas comunidades pequenas e grandes até chegar a toda a família humana, são fonte de sofrimento, de um “a menos” do humano.

Contando apenas com as forças humanas se pode no máximo tentar cumprir compromissos, consigo e com os outros: se podem “esmiuçar os ângulos”, cedendo a uma frente para fazer progresso em outra. Em seu campo de atuação específico, os economistas tendem a sublinhar que “não existe comida de graça”, ou seja, atingir qualquer objetivo bom comporta um custo que se mede em termos de renúncia a outros objetivos.

Os economistas falam frequentemente em trade-off, ou seja, de situações nas quais se deve escolher entre objetivos contrastantes (ou que pareçam sê-lo): por exemplo, entre eficiência e equidade distributiva, entre tutela e incentivos no mundo do trabalho, entre risco e rendimento dos investimentos financeiros, entre crescimento econômico e qualidade ambiental... Mas, seja no nível pessoal seja no nível social, o necessário equilíbrio de objetivos contrastantes deixam uma insatisfação de fundo, mesmo nos casos de sorte que conseguem chegar ao ponto desejado. É triste uma vida feita de trade off...

A encíclica convida os economistas a repensar com urgência o que seria o “bem-estar”: nada menos do que o desenvolvimento humano integral. É uma direção de pesquisa que já pode contar com importantes contribuições (Amartya Sen e Martha Nussbaum, para citar apenas os mais famosos). A encíclica, explicitando que este é um desenvolvimento “na caridade e na verdade”, abre novos horizontes de conhecimento e de ação. A experiência humana mais elementar, quando não é censurada, confirma a paradoxal razoabilidade destas duas palavras, tão grandes que até nos intimidam.

Os critérios para distinguir o que signifique o “a mais” do humano são exatamente os critérios da verdade e do amor. Quem não se sente “a menos” quando é enganado, traído, fraudado naquilo que esperaria como o justo? Quem não sente “a menos” quando não é escutado, não é valorizado, não pode participar da construção e do melhoramento do ambiente no qual vive? Caridade e verdade são a gramática elementar do humano: todo homem porta um rastro de Deus, Verdade-Amor; todo homem sente, fortíssima e contínua, a atração pelo verdadeiro e o desejo de amor.

A dimensão econômica do desenvolvimento ou fica dentro desta integralidade ou se torna um “componente enlouquecido”. Trata-se de uma consideração muito simples. Ainda assim, nas grandes e pequenas escolhas cotidianas, estes critérios de juízo fundamentais são facilmente ofuscados e nos contentamos com as definições “usuais” de sucesso pessoal, de progresso nacional e de desenvolvimento internacional. Esses critérios de juízo “usuais”, com muita frequência, negligenciam a integralidade da pessoa e o conjunto das pessoas (“o homem todo e todos os homens”) para concentrarem-se sobre um detalhe que se torna “o” critério (frequentemente ideológico) para definir e medir o desenvolvimento. Podemos dar muitos exemplos que dizem respeito seja à pessoa (“a carreira a qualquer custo”) seja à economia de um país (o crescimento das medidas materiais de “bem-estar”, que vistos sob um olhar atento não escondem o “mal-estar” profundo das sociedades ricas mas desesperançadas)

### **Um humanismo aberto ao transcendente.**

*Caritas in veritate* esclarece que a nossa geração está diante de uma encruzilhada: uma razão aberta ao transcendente ou fechada no imanente. Trata-se de uma opção decisiva (CV

74): a encíclica o confirma referindo-se às questões da bioética, mas me parece que tal opção seja também decisiva em relação à dimensão econômica do desenvolvimento.

Os economistas e os cientistas sociais têm condições de contar histórias plausíveis sobre como o desenvolvimento econômico e social foi produzido em certo lugar, no passado longínquo como no recente; todavia, as indicações sobre como intervir para gerar o desenvolvimento não parecem ter tanto sucesso.

Nenhum mecanismo, nenhuma receita parece resolver o problema – nem mesmo em seu aspecto relativamente fácil que diz respeito às “coisas”: a criação de riqueza material, o aumento de bens e serviços produzidos. O desenvolvimento econômico não se assemelha ao dilatar-se de um sistema que continua igual a si mesmo. Para usar o jargão econômico, não é uma “reprodução ampliada”, ou seja, o crescimento em dimensão de algo que continua igual a si mesmo, como um fungo sempre maior.

O desenvolvimento econômico é outra coisa – se mostra no surgimento de novos elementos: um novo produto, uma nova técnica, um modo inovador de organizar o trabalho em equipe... e isto desde a idade da pedra, afinal, como se poderia, de outro modo, caçar mamutes? Efetivamente, a qualquer um que considere as explicações “materiais” como as únicas dignas de respeito para explicar os eventos “materiais”, a realidade do desenvolvimento continua um “enigma indecifrável”, para usar a potente expressão de Bento XVI no discurso de abertura da V Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano (Aparecida, 13 de maio de 2006).

*Caritas in veritate* argumenta persuasivamente que as causas do subdesenvolvimento, bem como as do desenvolvimento, não são unicamente materiais: no centro está a liberdade humana que se põe em movimento como conhecimento e ação. “O desenvolvimento é impossível sem homens retos, sem operadores econômicos e homens políticos que vivam fortemente em suas consciências o apelo ao bem comum” (CV 71).

O desenvolvimento acontece quando uma pessoa que tem uma intuição não a deixa escapar. Pelo contrário, cultiva-a, cuida dela, convence outros a envolverem-se. Não existe nada de mecânico em tudo isto. O desenvolvimento realmente não é “reprodução”; para usar uma analogia forte e compreensível, o desenvolvimento é geração: a faísca essencialmente gratuita de um início no qual ocorre qualquer coisa de novo que não se realiza por si mesmo, mas que precisa que alguém se encarregue, livremente, de cuidar. O contexto econômico e institucional pode influenciar, para o bem e para o mal, este colocar-se em movimento das pessoas e dos povos, mas a observação dos fatos não deixa dúvidas: o que faz a diferença vem de cada passo dado por cada pessoa (os correios que aqui funcionam e lá não; os dólares gastos para a cooperação ao desenvolvimento que “aqui” fazem milagre e “lá” não geram nada ou causam danos).

A geração é uma potente metáfora do desenvolvimento. Se o desenvolvimento fosse um tipo de “reprodução ampliada” bastaria programá-lo tecnicamente e colocá-lo em prática. Se, como nos sugere a “razão alargada”, o desenvolvimento é um dinamismo gerador, pode ser promovido e sustentado mas não ocorre por programação e realização técnica, a menos que alguém lance, de um modo que em última análise não deixa de ser gratuito, suas forças e recursos materiais e pessoais. Pessoas para as quais o desenvolvimento, seu próprio e o do mundo, é vocação acolhida e cuidada.

De fato “A abertura à vida está no centro do verdadeiro desenvolvimento. Quando uma sociedade começa a negar e a suprimir a vida, acaba por deixar de encontrar as motivações e energias necessárias para trabalhar ao serviço do verdadeiro bem do homem” (CV 28). No desenvolvimento “gerador” existe um ponto de gratuidade do qual não pode ser criado pela lei (CV 39) ou pela via tecnocrata (CV 68-77).

A encíclica lança, portanto, um desafio à nossa razão: se queremos realmente resolver o enigma, se queremos realmente “conhecer” o que é o desenvolvimento e qual será o próximo passo a dar em sua direção, se queremos colher também aquilo que não se explica simplesmente pela matéria, devemos “alargar” o nosso conceito de uso da razão (CV 31). *Caritas in veritate* afirma que o desenvolvimento dos povos está intimamente ligado àquele de cada ser humano singular (CV 68): não é poesia, mas uma acurada leitura da realidade.

Se for verdade – como me parece, honestamente – que o desenvolvimento dos povos está intimamente ligado ao ímpeto com o qual as pessoas estão abertas ao transcendente e respondem à atração da Caridade e da Verdade, não colocar em questão o humano em sua integridade confina as realidades do desenvolvimento e do declínio, também econômico, ao campo dos “enigmas indecifráveis”.

### **A vocação ao desenvolvimento: trabalho e conhecimento**

O desenvolvimento humano integral não é um esforço prometeico de autoconstrução (CV 68): se a pessoa tem a pretensão de não dever nada a ninguém, de ser a única produtora de si mesma, se degrada, se fecha em si mesma. Do mesmo modo, desenvolvimento dos povos se degenera quando a humanidade confia unicamente na técnica para resolver os problemas. O desenvolvimento é, de fato, uma vocação (CV 12 ss); é um “dever” que nos convém. *Caritas in veritate* nos recorda que já Paulo VI, na *Populorum progressio* (PP) havia indicado que o crescimento humano a síntese dos deveres de qualquer pessoa (PP 16) e que os povos têm o dever de tornarem-se “artífices do próprio destino” (PP 65; CV 43).

À vocação ao desenvolvimento se responde com o trabalho. O acesso ao trabalho (CV 32), a um trabalho “decente”, isto é, respeitoso para com a dignidade humana (CV 63), continua a ser a chave para a criação da riqueza e para a saída da pobreza. No trabalho como vocação está toda a pessoa: olhar o trabalho humano na verdade e na caridade surpreende e comove.

Quando olhamos as “coisas” que as gerações precedentes nos deixaram como herança, percebemos qualquer coisa de misterioso, que inexplicavelmente transcende o restrito horizonte da necessidade, do interesse material, da recompensa. Encontramos uma surpreendente tenacidade, uma tensão “geradora” que deixou traços na história, uma satisfação pelo trabalho “bem feito” que vai além do reconhecimento extrínseco – por vezes, apenas quem o faz sabe que é realmente um trabalho “bem feito”. Estas coisas seriam inexplicáveis se não fosse aquele sinal indelével do Criador, Verdade-Amor, que existe no ser humano. Esta perspectiva abre novos horizontes em relação a tantos discursos (por vezes “conversa fiada”) sobre a centralidade do “capital humano” na empresa e o respeito aos valores morais no trabalho, nos negócios e nas finanças (CV 45)!

Não se pode trabalhar sem conhecer, e no conhecer não se pode separar caridade e verdade (CV 30). Trabalhar e conhecer são dois verbos que exprimem a liberdade da pessoa, movida por um encontro, pelo embate com algo de interessante para a vida. Estão, portanto, associados na evidencia de sua relacionalidade constitutiva (CV 55). Embatendo-se com o “outro” – as coisas, as outras pessoas, o totalmente Outro – se conhece a si mesmo e se tende ao “a mais”.

Impressiona-me particularmente o sexto capítulo, dedicado a “O desenvolvimento dos povos e a técnica”, que conta a experiência comovente do conhecer: algo que nos surpreende, que nos projeta para além do dado empírico; um prodígio, um dom, um “a mais” (CV 77). A pessoa toda é empenhada no conhecimento: inteligência curiosa da verdade, amor apaixonado à realidade que se encontra e com a qual se envolve. Necessitamos realmente do pensamento

inovador pois “o fazer é cego sem o saber e o saber é estéril sem o amor” (CV 30). Estéril, isto é, não gerador.

### **O motor do desenvolvimento**

A encíclica tem passagens muito concretas sobre o desenvolvimento das pessoas e dos povos que dizem respeito a condições muito difíceis: a leitura vale mais do que qualquer comentário! Nada mais distante de um manual de práticas eficientes – em suas considerações a encíclica não cede em momento algum a uma abordagem tecnocrática, da qual, ao contrário, pretende explicitamente afastar-se (CV 14, 70).

Nada de elencos daquilo que “se deveria fazer”. Mesmo nas referências mais práticas a encíclica nos orienta ao fator gerador do desenvolvimento: caridade e verdade. São palavras que todos podem compreender em suas consciências; permitem a comunicação profunda entre os seres humanos e criam unidade, na pessoa e na família humana. Há uma grande razoabilidade “humana” no chamado a responder com amor ao próprio irmão (PP 3), com aquela “fraternidade” que se pode apenas “receber” (CV 19).

A experiência da cooperação internacional ensina que se pode lutar contra a pobreza de maneiras eficazes apenas preocupando-se com as pessoas pobres uma a uma: as vias realistas de saída da “armadilha da pobreza” podem ser conhecidas apenas através da partilha. É impressionante que a Caridade e a Verdade tenham querido compartilhar nossa experiência humana para livrar-nos da armadilha em que nos metemos. “A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira” (CV 1). Aquilo que recebemos é tão surpreendentemente bom que “transborda”: não podemos tê-lo para nós. E transbordando assim não se exaure – antes, se incrementa.

Eis porque o Cristianismo não é um depósito de bons sentimentos, não é um complemento útil ao humanismo dos grandes valores; eis porque é “indispensável” para a construção de uma boa sociedade e de um verdadeiro desenvolvimento humano integral (CV 4). A “pretensão” da Igreja de ser indispensável é na verdade pura obediência ao dinamismo que lhe foi impresso por aquele que é sua Cabeça: a transbordante gratidão pelo dom não merecido do “cêntuplo nesta vida” (talvez a mais bela definição de desenvolvimento!), que se torna letícia no anúncio e na incansável construção.